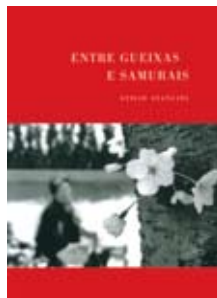




O DESCOBRIMENTO DO JAPÃO

CAMILO VANNUCHI



Entre Gueixas e Samurais, de Atílio Avancini, São Paulo, Edusp/Imprensa Oficial, 2008, 192 p.

CAMILO VANNUCHI é jornalista, integrante da equipe de reportagem da revista *Época São Paulo* e coautor de *É Câncer!* (Oirã).



O escritor búlgaro Elías Canetti, ganhador do Prêmio Nobel de literatura de 1981, publicou no final dos anos 1960 um pequeno livro intitulado *As Vozes de Marrakech*, resultado das anotações que fez, em março de 1954, durante uma excursão de três semanas pela segunda maior cidade do Marrocos. A obra se traduz em uma extensa fotografia dos hábitos e costumes de um povo que, ainda hoje, é mais *imaginado* do que conhecido pelos ocidentais. Antes de partir em direção ao norte da África, Canetti tomou o cuidado de não aprender o árabe, disposto a reconhecer nas palavras que ouvisse não seu significado, mas todo um conjunto de sensações que os sons lhe pudessem provocar. Tomou o cuidado, também, de não buscar informações demais, impressões demais, relatos de outros viajantes: nada que pudesse contaminar a percepção que ele mesmo viria a



ter do universo que, em pouco tempo, surgiria perante seus olhos. “Não lera nada sobre o país”, escreveu. “Seus costumes me eram tão desconhecidos quanto as suas gentes. O pouco que, ao longo da vida, se ouve dizer sobre um país e um povo caiu por terra logo nas primeiras horas.” Por três semanas, Canetti não seguiu um roteiro previamente elaborado por um guia turístico nem buscou admirar os expoentes da arquitetura local a fim de confirmar o que havia descoberto nas bibliotecas e nas livrarias. O que fez foi perambular pelas ruas, visitar um comércio de camelos, encantar-se com a ladainha dos cegos no maior mercado público do país, deixar-se seduzir pela produção de pães e pela balbúrdia das crianças que cercavam sua mesa para batalhar algum dinheiro. Fotografou tudo aquilo em suas anotações de viagem.

Cinquenta e dois anos depois, o Japão de Atílio Avancini, revelado nas doze crônicas e nas 72 fotos de *Entre Gueixas e Samurais*, provoca no leitor o mesmo alumbramento que acompanha a descoberta do Marrocos por meio da prosa descritiva de Elias Ca-

netti. O livro – belo exemplar composto em *couché* fosco e rodado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo – é cicerone dos bons: porto de águas cristalinas para quem pretende atracar em terra estrangeira com olhos de assuntar. Trata-se de um diário de bordo, com texto demais para ser considerado um livro de fotografia e fotos demais para não o ser. Talvez fosse necessário inventar um escaninho novo, nas livrarias, para colocar a obra na prateleira certa. “Reportagem literofotográfica” seria uma boa opção. Ou “memórias texto-imagéticas”. Lançado em meio às comemorações do centenário da imigração japonesa, o livro é do tipo que, em casa, deve ser guardado na mesma gaveta do passaporte. Não vá ao Japão sem ele. A não ser que sua intenção seja, repetindo Canetti e Avancini, fugir de qualquer referência sobre o tema para não se influenciar.

Como o escritor búlgaro, Atílio Avancini desembarcou no Japão, em 1º de abril de 2006, sem falar o idioma e incapaz de decifrar os ideogramas que saltavam dos tabloides e das fachadas dos prédios co-

merciais. Driblou os guias e os livros com a intenção de encarar aquela realidade sem opiniões preconcebidas. Sua coragem parece ainda maior do que a do colega búlgaro, uma vez que a excursão empreendida por ele se estendeu para além das três semanas da viagem de Canetti e foi motivada por algo mais do que o simples deleite de turista. Doutor em Comunicação Social e professor de Fotojornalismo na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), Atílio Avancini passou um ano inteiro no Japão para lecionar Cultura Brasileira a estudantes de português da Kyoto University of Foreign Studies, universidade local focada no ensino de línguas estrangeiras.

O episódio do convite é revelador, em si, das coincidências que perpassam a prática cotidiana da profissão de repórter. Havia greve na USP quando uma delegação de emissários japoneses bateu na porta do Departamento de Jornalismo da ECA, em setembro de 2005, e foi recebida pelo chefe, José Coelho Sobrinho. Atílio, que orientava um aluno naquele momento, era o único

professor presente no prédio e, por essa razão, foi chamado à sala da chefia. Era preciso fazer sala aos estrangeiros, já constrangidos com o vazio dos corredores. Não bastasse a saia justa da faculdade esvaziada, uma das câmeras fotográficas trazidas pela equipe havia caído e a lente parecia ter se estilhaçado. Apresentado por Coelho como professor de Fotojornalismo, Atílio tomou o equipamento nas mãos e logo o devolveu, recuperado, após retirar o protetor da lente, aos cacos. Os danos eram menos graves do que pareciam à primeira vista. Assim que os japoneses se foram, Coelho veio lhe falar. “Você gostaria de passar um ano no Japão?” Seis meses depois, *Entre Gueixas e Samurais* começou a ser produzido.

“Contenta-me ver com os olhos e não com as páginas lidas” (Alberto Caeiro, *Poemas Inconjuntos*).

Os primeiros dois meses em Kyoto foram os mais difíceis. Tudo era diferente do que Atílio Avancini havia imaginado. Os restaurantes não serviam rodízio de sushi – farto



repasto ao qual o professor brasileiro estava acostumado—, tampouco os japoneses tinham o hábito, tão comum entre nós, de imergir os bolinhos de arroz e peixe cru em um potinho raso repleto de molho de soja. O inglês que haviam lhe garantido ser suficiente para a comunicação não o era: poucos compreendiam o que ele dizia e, quando o faziam, era ele quem não decifrava o acento da resposta. Comunicador social com dificuldade de comunicação, Atílio aproveitava os fins de semana para correr a cidade na bicicleta que lhe fora cedida pela universidade e, nessas ocasiões, colocava um filme Tri-X, da Kodak, em sua Nikon FM10 analógica, sempre a tiracolo. “Minha câmera foi uma ferramenta, uma espécie de senha, que eu usava para apreender aquele universo”, conta. Através da lente, Atílio observa o cotidiano de Kyoto e, aos poucos, estabelece uma relação mais harmoniosa com os japoneses. No livro, o autor nos revela os meandros dessa relação. “O desejo de tirar boas fotos dá energia para ir adiante e chegar mais perto do homem oriental”, escreve.

Anotar o que via – e sentia – em suas rondas foi outro artifício encontrado por ele para traduzir o exótico e eternizar o momento. Ao redigir seus apontamentos de viagem, Atílio seguia o conselho do amigo Gutemberg Medeiros, que lhe sugeriu a realização de um “diário de bordo”. O que temos em mãos é esse diário. Ou, na acepção literal do termo, um mensário. Obrigado, Gutemberg, pela argúcia do palpíte.

Entre Gueixas e Samurais é dividido em doze capítulos, cada um dedicado a um mês, dispostos em ordem cronológica. Quem os lê segue as pegadas deixadas por Atílio em sua jornada, como cão perdigueiro à espreita. O bom caçador, como o bom leitor, sabe que na próxima curva, na próxima página, topará com a presa cobiçada. Cada capítulo aguça o apetite do leitor e revela, com recato de gueixa, novas descobertas. Avançamos por elas como se acompanhássemos Atílio em seus passeios. Entre um texto e outro, surgem as fotografias, editadas ali sem vínculo evidente com a crônica que as precede e, ousadia maior, desprovidas de legendas.





Como samurai, o fotógrafo zela pela própria liberdade e rejeita qualquer submissão ao jugo das palavras. O consenso brota do conjunto: lemos as imagens e observamos os textos com igual deleite, sem saber se é o fotógrafo Atílio ou o Atílio escritor quem prevalece.

Em ambos, texto e imagem, flagra-se o flagrante. Discípulo de Henri Cartier-Bresson (repórter fotográfico mundialmente conhecido nos anos 1940 como colaborador das revistas *Life* e *Paris-Match* de quem se diz jamais ter publicado uma imagem obtida com auxílio de *flash* ou na qual tenha “dirigido” o modelo), Atílio recolhe sementes e as oferece de bandeja. “Como repórter, mergulho na realidade urbana para extrair uma visão subjetiva do mundo”, escreve o brasileiro. “Quando reflito calmamente sobre alguns cliques, percebo que posso ir além dos limites da minha experiência. Sempre amei as cidades e seus cidadãos. E fotografar é pôr a teoria de lado e partir em direção à prática.” Sua jornada por treze cidades do Japão é, em última análise, uma busca por “momentos decisivos”, expressão

utilizada por Bresson para se referir ao instante da captura da imagem. “Trabalhamos em unidade com o movimento, como algo premonitório de como a própria vida se desenvolve e se move”, escreve o fotógrafo francês na introdução de *O Momento Decisivo*, lançado por ele em 1952. “Mas, dentro do movimento, há um momento em que os elementos que se movem atingem um equilíbrio. A fotografia deve capturar esse momento e conservar estático o equilíbrio.”

Na arte de Atílio, o equilíbrio mencionado por Bresson está nos respingos de água que refrescam o menino, em um gongo que ressoa, na moça com roupas de colegial que envia uma mensagem pelo celular, na bicicleta que atravessa, na mãe que abocanha um sorvete. É o Japão, congelado para sempre diante dos olhos do repórter atento e, por extensão, diante da curiosidade renovada de todos os leitores. “Ao olhar uma foto, incluo fatalmente em meu olhar o pensamento desse instante, por mais breve que seja, no qual uma coisa real se encontrou imóvel diante do olho”, escreve Roland Barthes



em *A Câmara Clara*, para acrescentar mais adiante: “Se gosto de uma foto, se ela me perturba, demoro-me com ela. Que estou fazendo, durante todo o tempo que permaneço diante dela? Olho-a, escruto-a, como se quisesse saber mais sobre a coisa ou a pessoa que ela representa.” Atilio opta por não dizer nada, em palavras, sobre as pessoas e as paisagens fotografadas. Ele deixa a primazia do verbo para revelar outros instantâneos, nas páginas dedicadas à prosa. Nesses casos, cuida para não contaminar o enquadramento das crônicas com imagens fotografadas.

“Preparei minha máquina de novo.
Tinha um perfume de jasmim no beiral de
[um sobrado.
Fotografei o perfume.
Vi uma lesma pregada na existência mais
[do que na pedra.
Fotografei a existência dela.
Vi ainda um azul-perdão nos olhos de um
[mendigo.
Fotografei o perdão”
(Manoel de Barros, *Ensaios Fotográficos*).

Em *Entre Gueixas e Samurais*, o mesmo equilíbrio considerado indispensável à captura do momento por Cartier-Bresson surge, agora, nas histórias contadas. Elas não são mais do que fotografias, nas quais o nitrato de prata dá lugar à realidade apreendida e os agentes químicos reveladores são feitos de lirismo. Um aperitivo: “Dar aulas em português é como estar em casa. Os alunos são quietos, mas quando você se vira para escrever na lousa eles cochicham. Volta, se calam. Para quebrar o gelo, me aproximo e faço perguntas. Engraçado o tempo de resposta: olham para o chão, o caderno, o colega, o professor, a lousa, a janela. E nada. Vai falar, arrisca, tenta, balbucia. Mas nada sai – a classe participa inabalável. Mudo para outro estudante. O mesmo processo. Quem sabe um terceiro. Um quarto. Aí, finalmente brota algo. Pronto, deu o *start*. Agora todos são capazes de arriscar”. Outro fragmento para ser degustado como tira-gosto: “Leves e compactas, as montanhas dão fundo à paisagem e se mostram multicoloridas contra o azul-celeste. Cumes ainda banhados pelo

sol se erguem diante de outros mergulhados na sombra. O balanço claro-escuro muda a cada instante por entre formas e matizes. As folhas douradas se desprendem dos galhos ao sucumbirem como plumas em direção à mãe-terra. Resplandecentes como a luz do sol outonal, as folhas secas se espalham, tecendo um tapete trançado sobre o solo”. Um último canapé: “Há uma certa leveza espacial nos domicílios pelas poucas luzes, cores, divisórias, arranjos e mobílias. Por outro lado, há sempre cantos abarrotados com inúmeros objetos gerados pelo excesso consumista. A segunda maior economia do mundo satisfaz plenamente as necessidades da família e entope lugares da casa com o acúmulo de bens materiais. O Japão vive um conflito entre o Oriente e o Ocidente”.

Ao levar adiante o projeto editorial e formatá-lo com rara maestria – bom contraste nas fotos, diagramação elegante, belo vermelho a servir de biombo entre os capítulos –, Atílio revela-se um etnólogo lúdico sem tempo para delongas. Seu livro é

também uma carta de apresentação, pergaminho rabiscado por Pero Vaz de Caminha e enviado a El-Rei D. Manoel. Após um século inteiro de relações culturais, comerciais e políticas com o país de Akira Kurosawa, ainda há muito a ser descoberto sobre o Japão. E, com a disciplina de um neófito que se esforça para aprender os códigos secretos de uma sociedade sem ultrapassar os limites do inconveniente, Atílio nos mostra esses becos, esses atalhos, essas sombras. Alguns aspectos são óbvios no relato do viajante, como a atitude comedida da maioria das pessoas ou a permanência de valores budistas tais quais a abnegação e o perdão. Outros, ao contrário, são notícias. Atílio nos conta, por exemplo, que os ônibus e os trens de Kyoto possuem poltronas forradas com veludo. Também nos revela que paletó e gravata são acessórios indefectíveis no traje usado pelos professores em sala de aula. E, ainda mais surpreendente: que sua primeira impressão de Tóquio, região metropolitana com 31 milhões de habitantes, é de uma cidade “calma e limpa”. Como eles

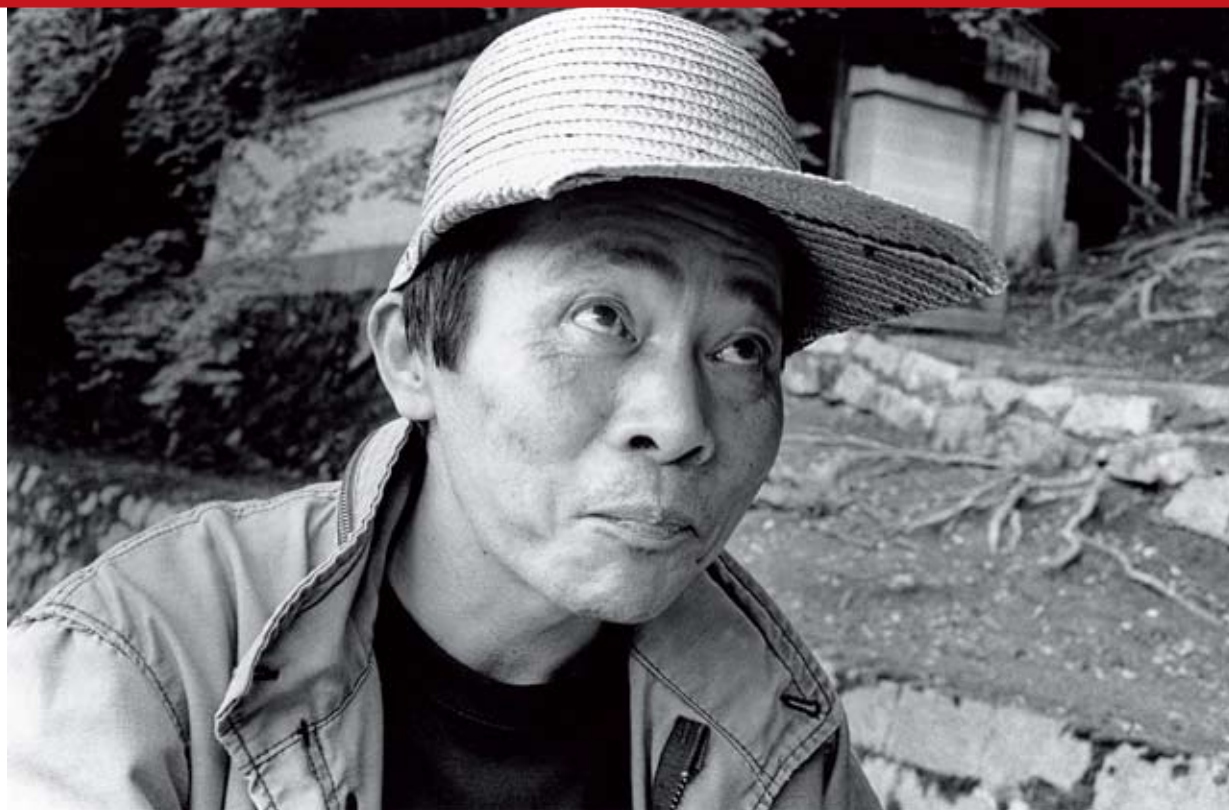


conseguem? “Menos do que um percurso, a exploração é uma escavação: só uma cena fugaz, um canto de paisagem, uma reflexão agarrada no ar permitem compreender e interpretar horizontes que de outro modo seriam estéreis”, escreve Claude Lévi-Strauss, este sim um etnólogo profissional, em *Tristes Trópicos*.

As primeiras frases da obra máxima do etnólogo francês, aliás, na qual ele relata em minúcias sua jornada aos grotões autóctones do Brasil anos antes da Segunda Guerra Mundial, são especialmente curiosas: “Odeio as viagens e os exploradores. E eis que me preparo para contar minhas expedições”. Ao fazê-lo, em 1955, Lévi-Strauss qualifica como inexplicável o fato de esse gênero de relato constituir um tipo de produto tão largamente consumido. Esse consumidor, ele diz, alimenta-se do choque, da surpresa diante do narrado, e não da possibilidade de adquirir conhecimento real ou ter seu espírito crítico desperto. “Ser explorador, agora, é um ofício”, prossegue o etnólogo. “Ofício que não consiste, como

se poderia acreditar, em descobrir, ao cabo de anos de estudos, fatos até então desconhecidos, mas em percorrer elevado número de quilômetros e em acumular projeções de fotos, de preferência em cores, graças às quais se encherá uma sala, vários dias seguidos, com uma multidão de ouvintes para quem as trivialidades e banalidades parecerão milagrosamente transmutadas em revelações, pela única razão de que, em vez de produzi-las em sua terra, seu autor as terá santificado por um percurso de 20 mil quilômetros.” O que *Entre Gueixas e Samurais* nos instiga não é esse consumo *fast food*, mas em especial a crítica, a análise e o deleite. E nos faz dar graças aos céus por ter, ele mesmo, Lévi-Strauss, “pagado a língua” ao oferecer a nós, incautos leitores, um dos mais sagazes relatos de viagem do nosso repertório.

“De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas” (Ítalo Calvino, *As Cidades Invisíveis*).





É também de São Paulo, e do Brasil, que Atílio nos fala em seus textos e fotos. Quando clica uma silenciosa biblioteca de Kamakura na qual os usuários deixaram os sapatos do lado de fora antes de entrar, é como se chamasse nossa atenção para o caos sonoro e o desrespeito ao próximo que imperam nas bibliotecas paulistanas (onde o protocolo ruiu e a juventude se orgulha da própria histrionice). Quando capta, com sua lente, a atividade de um catador de latinhas a percorrer as ruas de Kyoto com sua bicicleta abarrotada, é como se nos apontasse para a globalização da reciclagem e da coleta seletiva, essa profissão (de fé) tão necessária quanto a medicina e a engenharia. Quando preenche o quadro com um par de pés que calça sandálias de dedo sobre meias brancas, é das nossas Havaianas que Atílio nos fala (e de como seria curioso encontrar alguém de meias e chinelos no Parque do Ibirapuera). O pintor de rua, o burburinho que impera em um restaurante com mesas na calçada em Kobe, o político que discursa sobre um palanque em Tóquio, tudo isso é retrato de

um Japão brasileiro – mesmo que, ali, as peladas de domingo aconteçam com luvas e tacos de beisebol: espadas empunhadas por pequenos samurais de olhos puxados.

Em *As Cidades Invisíveis*, Ítalo Calvino narra uma longa conversa entre o navegador Marco Polo e o conquistador Kublai Khan, na qual o segundo exige que o primeiro lhe descreva cada uma das cidades percorridas por ele em suas viagens. Em determinado ponto da narrativa, após intensa atividade dessa versão masculina de Scherazade (pronta a inventar vilas e portos com a destreza de um ficcionista), o soberano pede ao viajante que lhe fale sobre uma cidade ainda não mencionada: Veneza. “E de que outra cidade imagina que eu estava falando?”, indaga Marco Polo, sorrindo. “Todas as vezes que descrevo uma cidade, digo algo a respeito de Veneza”, acrescenta o explorador veneziano, a quem jamais escapará o paradigma da terra natal. “Para distinguir as qualidades das outras cidades, devo partir de uma primeira que permanece implícita. No meu caso, trata-se de Veneza.”

De maneira semelhante, São Paulo é a metrópole implícita na descrição que Atílio faz (em texto e em imagem) de cada uma das treze cidades japonesas visitadas por ele. O Brasil, afinal, surge o tempo todo diante de seus olhos e ouvidos. Parafraseando Guimarães Rosa, parece que é o Brasil, e não o sertão, que está em toda parte. “Eles gostam bastante do Brasil, país que ostenta a maior colônia nipônica do mundo”, diz o viajante. Logo em sua primeira semana no Japão, Atílio foi surpreendido com os primeiros acordes do Hino Nacional e se surpreendeu ao perceber que eles emanavam do celular de um professor da universidade. Em outra ocasião, ainda no primeiro mês, passeava com sua bicicleta (e sua Nikon) por uma ponte de Kyoto quando ouviu uma melodia conhecida, solada por um saxofone. Intuitivamente, versos começaram a brotar dos lábios de Atílio, sublinhando nota por nota o som do instrumento: “Manhã, tão bonita manhã/ Na vida, uma nova canção/ Cantando só teus olhos/ teu riso, tuas mãos/ pois há de haver um dia/ em que virás...” Atílio acelerou as pedaladas até encontrar um senhor, já idoso, que dedilhava os metais daquele sax. Era um alfaiate, que aproveitava os sábados para praticar sua música no parque. Segundo Atílio, o instrumentista de chapéu não sabia que aquela canção se chamava “Manhã de Carnaval” nem que havia sido composta por Luiz Bonfá e Antonio Maria às vésperas da bossa-nova.

No Japão é assim. A música brasileira ressoa em todo canto, sem mostrar crachá ou atestado de origem. “Pelo preço de uma boa xícara de chá ou café”, escreve Atílio, “pode-se ficar entre uma ou duas horas num salão de chá ou cafeteria. O ambiente adequado para um bom papo, agradável leitura

ou breve descanso. Espaços sagrados onde sem pretensão corpos relaxam, mentes se libertam, corações se abrem. Chega a ser comum reencontrar por lá Tom Jobim, João Gilberto, Vinícius de Moraes, Nara Leão, Baden Powell, Elis Regina. Os japoneses adoram a bossa-nova”. Violonista de ocasião, Atílio se aproveitou da receptividade e levou o gênero à sala de aula, como nos conta no último capítulo de seu livro. “A bossa-nova favoreceu um trabalho de compreensão das letras; discussão sobre os ‘anos de ouro’ da cidade do Rio de Janeiro; enriquecimento gramatical; estudos que concernem à história e à geografia”, escreve, listando outros três ou quatro aspectos positivos do uso dessa ferramenta. O som, ele afirma, “trouxe brilho aos olhos dos estudantes, os corpos renovaram seus movimentos, as barreiras se diluíram”.

Antes de retornar ao Brasil, o cronista-fotógrafo fez sua incursão pela música. Chegou a se apresentar com o conjunto Ventos Tenros, formado com outros dois professores e um aluno da universidade (um pianista e um violonista nativos e uma vocalista brasileira) e pôs versos em duas melodias compostas pelo pianista. As letras de “Sonho Primavera” e “Só em Kyoto” não aparecem no livro. No entanto, ficaram registradas no cancionário nipônico, em troca das histórias e das imagens que ele nos trouxe: um escambo dos bons, em que todos ganham e ninguém perde. “Vivenciei lentamente cada mês em si próprio, ora como turista diante da nova paisagem, ora como cidadão encantado com a espiral da vida”, arremata o letrista das fotos, o fotógrafo das crônicas, o cronista das letras, o professor multifuncional na última página de sua jornada. O Japão, sabemos agora, fica aí ao lado.